



## Hipólito da Costa: jornalista e ideólogo militante

PAULA, Sérgio Goes de (org.). *Hipólito José da Costa*. Col. “Formadores do Brasil”. São Paulo: Editora 34, 2001. 648 p.

Hipólito José da Costa vem sendo gradualmente descoberto, tanto pelos que trabalham com a comunicação social e, especialmente, com a história do jornalismo em nosso País, quanto por aqueles que se dedicam à historiografia pátria em geral. É o caso desta coleção da Editora 34, que, significativamente, se denomina “Formadores do Brasil” e onde Hipólito José da Costa aparece como um dos primeiros e mais instigantes pensadores e ideólogos da nacionalidade.

Natural da Colônia do Sacramento (1774), localidade hoje situada na República Oriental do Uruguai, mas à época colônia portuguesa, Hipólito José da Costa deslocou-se para Portugal em 1793, não mais regressando ao Brasil. Viajou pelos Estados Unidos, a mando da Coroa Portuguesa, entre 1798 e 1800. Foi preso; fugiu e, a partir de 1805, exilou-se em Londres, ali falecendo em 1823, exatamente um ano após a independência do Brasil – contra a qual, diga-se de passagem, ele se colocou, entendendo que a antiga colônia seria mais forte e poderosa se mantida junto a Portugal, que se tornaria cabeça do império, e não à velha nação européia.

O volume organizado por Sérgio Goes de Paula tem prós e contras. Ele seleciona trabalhos contidos no *Correio Braziliense*, especialmente nos três últimos anos que antecedem à independência, ou seja, de 1820 a 1822. Além dos textos do próprio Hipólito José da Costa, juntam-se e se transcrevem textos por ele citados e comentados em sua tarefa informativa e formativa. O aspecto mais positivo do empreendimento é que ele contextualiza numa perspectiva histórica mais ampla o jornalista e ideólogo militante, quase sempre relegado ao campo do jornalismo. A escolha dos textos e de seus respectivos temas, bem como do material complementar, por certo justifica o entusiasmo do organizador, que valoriza a sobrevivência e a atualidade do pensamento de Hipólito José da Costa.

Contudo, levando-se em conta que esta edição original é de 2001, tem-se um questionamento inevitável: ainda que, evidentemente, mais barato que a coleção de trinta volumes que a Imprensa Oficial de São Paulo começou a publicar naquele mesmo ano e só concluiu em 2003, custando cerca de seiscentos reais, e sobre a qual Goes de Paula não dá

qualquer notícia, o volume em questão fica, de certo modo, prejudicado. Afinal, as instituições, especialmente os cursos e as faculdades de Comunicação que puderem, devem adquirir a obra completa, além, é claro, de toda a literatura que se publique em torno do jornalista militante.

Assim, mais que nunca, dever-se-ia mencionar a publicação fac-similada referida, que é impossível imaginar-se não tenha chegado ao conhecimento, quer do organizador do volume, quer dos editores, já que a mesma foi amplamente divulgada por antecipação, tendo em vista que poderia ser comprada por assinatura.

Independentemente desta questão, o volume organizado por Goes de Paula tem o mérito de propor uma releitura de Hipólito José da Costa para os primeiros anos do século XXI. E essa releitura é altamente positiva, destacando-se especialmente a capacidade interpretativa do jornalista em relação aos acontecimentos contemporâneos, que sofriam defasagem entre seu conhecimento do Brasil para a Europa, ou vice-versa, e depois, em seu relato ou abordagem, da Inglaterra para o Brasil, devido às distâncias e às dificuldades de distribuição dos jornais/livros, que chegava a mais de seis meses, segundo ele.

Assim, é sobretudo no jornalismo investigativo, de interpretação dos fatos, projetando no presente o que ocorrera no passado, para o leitor do futuro, que se afirma o valor maior de Hipólito José da Costa, uma projeção de futuro tão ampla que se mantém atualizada ainda hoje em dia (p. 27).

O volume, neste sentido, é imprescindível, até porque ajuda a ler o conjunto dos textos do *Correio Braziliense*.

Registre-se, contudo, que a mesma desinformação a respeito do lançamento da obra fac-similada pode ser cobrada do organizador quanto à existência de outras edições, fora do eixo Rio-São Paulo, de trabalhos tanto de Hipólito José da Costa, quanto a seu respeito. Cito, como exemplos, no caso do autor: *Diário da minha viagem para Filadélfia (1798-1799)* (Porto Alegre, Sulina, 1973 – organizado pela Associação Riograndense de Imprensa) e *Um observador econômico na América* (Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1997 – organizado por Paulo Xavier); sobre ele: *Hipólito José da Costa e o universo da liberdade* (Francisco Riopardense Macedo – Porto Alegre, Sulina, 1975) e *Hipólito José da Costa* (Raul Quevedo, org. – Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro/Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Coleção Grandes Nomes da Comunicação, vol. 1, 1997).

Evidente que esses reparos não diminuem a importância da obra, mas evidenciam, ao mesmo tempo, que ainda há muito para se ler, se escrever e se dizer a respeito do autor.

*Antonio Hohlfeldt*

Professor de Teoria da Comunicação e de  
Comunicação e opinião pública, no Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação Social da FAMECOS/PUCRS.